

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 1, Jan.-Jun. 2016

A MATÉRIA DO TEMPO



THE MATTER OF THE TIME

Valdemar VALENTE JÚNIOR
UniverCidade, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 31/10/2016 • APROVADO EM 28/12/2016

Abstract

This text aims to focus on elements of the memoirist narrative like one of the aspects of the contemporaneity trying to cripple its specifically historic sense to situate it in a plan of extension of its fictional shades. This way, the plurality inherent to the present time itself constitutes in a counterpoint to the memoirist perspective, interfering in the way whereby the recovery of the past time can represent an opposite way. In this regard, *Chove sobre minha infância*, written by Miguel Sanches Neto, is a work that dialogs with different possibilities of description of the contemporary narrative production trying to search ample ways of expression.

Resumo

Este texto tem por objetivo focar elementos da narrativa de cunho memorialista como um dos aspectos da contemporaneidade tentando inviabilizar seu sentido especificamente histórico para situá-la em um plano de ampliação de seus matizes ficcionais. Desse modo, a pluralidade inerente ao tempo presente constitui-se em contraponto à perspectiva memorialista, interferindo no modo através do qual a recuperação do passado pode representar uma via de mão dupla. Nesse aspecto, *Chove sobre minha infância*, de Miguel

Sanches Neto, insere-se como obra que dialoga com as diferentes possibilidades de caracterização da produção narrativa contemporânea na busca por amplos caminhos de expressão.



Entradas para indexação

KEYWORDS: Narrative; Memory; History; Culture.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Memória; História; Cultura.

Texto integral

A autorreferência, no âmbito da narrativa, assume aspectos cada vez mais originais, quando a contemporaneidade passa a contemplá-la como elemento integrante de um discurso que se impõe no plano de uma literariedade que se faz subjacente às relações de proximidade entre realidade e ficção. Assim, a abertura à proposição multicultural que se apresenta tende a relativizar o que se pode conceber como módulo estanque e permite que a isso se agreguem várias formas de discurso. A matéria memorialista, que já se relacionara a gêneros específicos, na linha do romance histórico, amplia sua dimensão no sentido do que passa a significar a presença do escritor como personagem de sua própria obra. A isso se deve um processo que relativiza a importância da ficção a partir de um único intuito e posiciona o autor como elemento que se exclui do objeto da narrativa como se essa investida se constituísse em crime sem perdão, condenando a obra de forma definitiva. Por sua vez, o discurso contemporâneo, ao contemplar uma multiplicidade de propostas, não tem como desprezar os elementos que constituem a narrativa autobiográfica, sendo esta, ao mesmo tempo, o espelho onde se reflete a realidade redefinida ao plano da verossimilhança que caracteriza o fenômeno narrativo.

Diante disso, consideramos o relançamento de *Chove sobre minha infância*, de Miguel Sanches Neto, um acontecimento que reforça essa via do tempo recontado como viés de uma memória que se utiliza da sequência do núcleo narrativo de que se constitui como matéria prima do escritor, reconfigurando o tecido desfeito de suas lembranças como assunto a que se supõe uma condição memorialista, mas

que transpõe esse terreno por ser um texto que contraria a ideia de um estilo determinado. Por isso, a condição inerente à narrativa autobiográfica quase desaparece, na medida em que não há mais a necessidade de ser estabelecida qualquer diferença conceitual, supondo-se a eliminação das barreiras responsáveis por uma cisão que deixa de existir. *Chove sobre minha infância*, a partir do próprio título, enumera uma gama percalços que corresponde à condição do interiorano em sua luta por pertencimento, a partir da batalha cotidiana que pavimenta no menino a trajetória do escritor. A partir de uma situação que lhe possibilita o acesso por essa senda, a prosa de ficção tende a desprender-se de sua condição única de fixação ao estilo que lhe confere prestígio. A mescla da autobiografia à ficção de cunho tradicional transpõe sua possibilidade dialógica, pontificando como um dos sintomas da contemporaneidade.

Essa espécie de romance de formação tenta resgatar as imagens de uma infância quase perdida, uma vez que à família não era dado o hábito de tirar fotografias, cabendo tão somente à memória a recuperação dos acontecimentos que remetem a esse grupo, cujo pai desempregado volta sempre embriagado, recomeçando no dia seguinte a trajetória de tentar entabular algum negócio, e retornando mais uma vez embriagado e sem dinheiro. Assim, a narrativa conduz o leitor por caminhos que representam muitas vezes pedaços de memória de que vários são os colaboradores, na medida em que estas sempre emanam do autor, que se ressent, por esse tempo, da fragilidade em fixar os assuntos. No entanto, esta mesma memória nobilita-se pouco mais tarde para dar conta dos primeiros contatos do menino com o sexo, quando entra debaixo da cama com a filha da vizinha, ou de mais uma tentativa do pai em estabelecer-se como comerciante, a partir de viagens de caminhão pelo interior do Paraná com negócios envolvendo a compra de café. A morte inesperada do pai, contudo, muda o ciclo da narrativa do menino, que por esse tempo, além da morte e do sexo, descobre a escrita, o que lhe serve para recompor as imagens do passado na fotografia em um monóculo que a mãe mandara um mascate de passagem pela cidade ampliar. A infância segue a reverberar toda sua carga de sucessivas belezas e injustiças na ideia de um passado que se recompõe a cada momento.

As lembranças recuperadas são como feridas que custam a cicatrizar, não obstante o interesse de se poder voltar no tempo e, mesmo que a um custo bastante elevado, rebobinar o filme da vida. A história dos Sanches, de origem espanhola, remete ao trabalho na lavoura do café. A atração de mão de obra para essa atividade no norte do Paraná faz com que levadas de imigrantes desçam da carroceria dos caminhões munidos de ferramentas para arar o barro vermelho. A febre do café, portanto, terá sido responsável por dar e retirar tudo o que se constituía nos sonhos dessa família. Em determinada ocasião, a queda do preço desse produto no mercado decreta o endividamento e a liquidação do patrimônio acumulado. Por isso as idas e vindas no transcurso de uma vida que oscila entre a abundância e a escassez marcam a forma através da qual os diferentes narradores assumem o processo diegético, seja de modo direto, como participantes da cena narrativa, seja dando voz a outras personagens envolvidas na teia de relações a que buscam encetar. A opção por uma narrativa que destaca o narrador em primeira pessoa permite que se efetive um plano da memória que, ao tempo em que se desenvolve, concorre para que o caráter autobiográfico do texto assumam um sentido ficcional que lhe parece suplantar, não sendo possível atribuir a *Chove sobre minha infância* outro significado senão o de narrativa que supera qualquer condição historiográfica.

As vicissitudes da vida acompanham o fluxo da narrativa apontando a sucessão de desencontros que se acumulam, a exemplo da tentativa do pai em alfabetizar-se pelas mãos da esposa, a cujo insucesso pode corresponder a carreira de escritor do filho que irá buscar em seus livros a essência de um mundo que se configura a despeito dos fracassos, e que por isso mesmo tende a enumerar os dramas dos que se situam à margem, em uma espécie de linha limítrofe entre o reconhecimento e a exclusão. Assim, a árdua tarefa de acompanhar os mortos da família ao seu repouso derradeiro dá conta de que os Sanches vão lentamente desaparecendo, o que acaba por representar o fim de suas dores, a exemplo da inscrição sobre o túmulo do pai. Além disso, a finitude da matéria humana faz ver de que modo a vida se impõe como missão a que nem sempre é possível cumprir. A morte da avó acaba por revelar a forma através da qual suas economias destinavam-se a ajudar no pagamento da dívida que seu filho não conseguira

saldar, o que também resulta de sua condição de mulher independente, tendo em vista as despesas que a morte acarreta, não querendo, em vista disso, dar trabalho aos seus parentes. Por isso, Miguel Sanches Neto coloca-se frente a frente com a verdade da vida, mesmo que esta possa sugerir ao leitor a ideia de que a morte é uma ilusão, correspondendo ao fato da narrativa, por menor que pareça, esvaziar-se de seu sentido autobiográfico para se confirmar na instância do que lhe remete ao inverossímil.

A luta pela sobrevivência prossegue na observação do trabalho da mãe e da avó, a partir do momento em que a narrativa retoma os acontecimentos do passado em seus desenlaces quase sempre inesperados. Em detrimento de uma sequência ordenada, o texto conta ainda com o depoimento de outros membros da família que ajudam a compor seu tecido corrompido, dando-lhe sustentação. Assim, o tempo reinventa seu sentido, tendo em vista os sucessivos retratos retirados da memória que passam a compor a cena que se configura no presente. A lida nas terras do norte do Paraná sugere a promessa de uma gente oriunda de diferentes regiões que aí deposita suas esperanças de trabalho e riqueza. No entanto, os atares e desatares do núcleo familiar acompanham a ordem de pensamento da narrativa como síntese de sucessivas tramas que passam a dar sentido à memória de que Miguel Sanches Neto se utiliza como objeto de sua escrita. A trajetória do escritor sedimenta-se na vivência continuada do menino interiorano que acumula elementos fundamentais à produção de uma narrativa que se serve essencialmente das situações que lhes são apresentadas.

A ordem social da família como termo agregador comparece em *Chove sobre minha infância* de forma destoante, na medida em que a relação do menino com o avô e, em seguida, com o padrasto, repercute em cisões no plano de situações que desde o seu início se mostram difíceis. A necessidade da convivência comum tende a funcionar como mecanismo capaz de manter um plano de aparências, mas não isenta o menino da possibilidade do exercício crítico sobre o lugar da família. Assim, esse relacionamento se amplia com a chegada dos dois filhos do padrasto, que lhe ensinam as quatro operações, levando-o a refletir sobre a distinção entre as letras e os números, e sugerindo serem estes mais valiosos. A morte do avô, por sua vez, reforça essa máxima, despertando um enorme interesse acerca dos bens

por ele deixados. Nesse sentido, essa perda e a parte insignificante do que lhe cabe como herança tende a ficar em um plano secundário, uma vez que o irmão postiço, acometido de tétano, rouba a cena narrativa, ajudando a reconstituir o tecido deteriorado da família a que despreza, servindo esse evento de motivação à validação de uma união que logo a seguir se desfaz com a alienação do patrimônio de sua família em favor da família de seu padrasto, que passa a ocupar espaços de poder.

Assim, a violência do padrasto passa a ser uma marca da opressão que recai sobre a família, quando os espancamentos dão o tom de uma criação nitidamente autoritária. O ódio do padrasto, aliado à inveja que os irmãos postiços sentem por ele, o faz revoltar-se. No entanto, a despeito de todo o clima de hostilidade de que é vítima, a descoberta da poesia lhe serve como ponto de partida de uma sensibilidade logo a seguir reprimida. Ainda a adolescência estabelece relações de classe, uma vez que a escola o faz entrar em contato com jovens de outro estrato social, diante dos quais não passa de um roceiro estranho. De volta à periferia da cidade, parece recuperar o status de filho de um comerciante cerealista, ao passo em que os outros situam-se em condição inferior. Do mesmo modo, a convivência com os demais meninos o faz perceber a diferença em não querer ser igual, uma vez que a aparência de felicidade que exibem contrasta com a vida marcada pela tristeza. Apesar de tudo, o curso de datilografia, onde não passa de um aluno mediano, lhe oferece a oportunidade de escrever poemas na máquina comprada para o irmão postiço, que era melhor aluno, mas logo se desinteressara por datilografar. A diferença dos desejos faz com que seus sonhos não coincidam com a ordem de um trabalho monótono que ignora por completo o espírito e a sensibilidade.

As situações de sofrimento fazem com que a vontade de estudar e afastar-se do padrasto resulte na imposição por sua formação em um colégio agrícola, o que contraria por completo os sonhos de quem escreve poesia e descobre a leitura. O lugar pode ser comparado a uma prisão ou a um reformatório, onde os adolescentes aprofundam práticas e comportamentos desviantes, marcados pela violência e pelo vício. No entanto, o aprofundamento de seu contato com a leitura o afasta cada vez mais da realidade medíocre e opressiva do colégio, o que se

contradiz no clima de tranquilidade que reina nesse lugar, uma vez que acaba por conquistar espaços em meio à violência que aí predomina. Assim, a ampliação dos horizontes que a leitura propicia serve para cavar o abismo que o separa da família, especificamente de seu padrasto, de quem se vê cada vez mais longe. Na verdade, aí se configura o esboço do escritor que passa a ver o mundo a partir de um ângulo que se torna impossível ao olhar de seu padrasto e de seus irmãos postíços, para quem o trabalho braçal e desprovido de qualquer sofisticação se constitui na única expressão da condição e da existência dos seres. O desejo por tudo que a literatura propicia como descoberta pessoal contraria a materialidade de um mundo que condiciona o homem à mera repetição.

O desencontro de propósitos entre uma vida que se resume ao essencial e ambição do jovem cujo desejo se amplia no sentido do escritor que busca ser se constituem na matéria através da qual a narrativa se faz expressar. Situada no limite de contiguidade entre a ficção e a autobiografia, sua carga de conflitos repercute de modo a agravar ao extremo as relações humanas como caminho de vitória do que parece tender para a superação das situações adversas de aparência insolúvel. O menino acompanha o adulto sem deixar de olhar para trás e conferir a sucessão de desacertos que o faz oscilar entre a vocação para a literatura e a necessidade de arrancar da terra a sobrevivência com as próprias mãos. Assim, resta ao camponês em meio aos civilizados lutar contra o destino adverso que tenta se impor a qualquer custo, martelando o teclado da Olivetti e escurecendo cadernos com anotações. Esse “mostro de escuridão e rutilância”, reproduzido da poesia de Augusto dos Anjos, ainda constata que o curso de letras a que dá início é o lugar onde menos se lê. A distância que se estabelece em relação às pessoas e a diferença que as separa faz crer que tudo é nada a um só instante, e a escrita sugere sempre o desejo de dar conta de sua enorme dívida de silêncio. Escrever, portanto, indica o modo pelo qual o tempo se recompõe em sua sequência de injustiças e absurdos.

Referências

SANCHES NETO, Miguel. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2015, 254 p.

Para citar este artigo

VALENTE JÚNIOR, Valdemar. A matéria do tempo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 1, p. 54-61, jan.-jun. 2016.

O autor

Valdemar Valente Junior é Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, e possui Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Autor de *Dispersa sequência: ensaios de literatura brasileira*. Também é palestrante e autor de artigos sobre literatura e cultura brasileira.